



Artigos/Articles

Discursos políticos em tempos de Covid-19: a performance discursiva do presidente francês Emmanuel Macron

Le discours politique à l'époque de la Covid-19: la performance discursive du président français Emmanuel Macron

Bianca Brito de Carvalho Araújo¹

RESUMO

Este artigo propõe verificar a performance do discurso político do presidente Emmanuel Macron em meio à crise pandêmica provocada pelo Coronavírus (Covid-19) no ano de 2020. Para tal, analiso, de modo flexível, o modelo de narrativa laboviano (Labov e Waletzky, 1967, Labov, 1972), assim como a epistêmica da performance narrativa desenvolvida por Neal Norrick (2020) associadas aos estudos semiolinguísticos de Patrick Charaudeau (2008), ancorados no discurso político. Charaudeau, por meio da retórica aristotélica - *pathos*, *ethos* e *logos* - observa como o político constitui sua identidade perante o seu auditório visando convencê-lo em nome de um bem comum, uma idealidade social. No caso deste trabalho, meu objetivo é de reunir essas teorias para detectarmos como o presidente Macron em momentos de crise sanitária, provocados pelo Coronavírus, constrói a sua imagem para o seu público, de forma a cativá-lo e persuadi-lo quanto às suas ações tomadas diante desse momento de caos.

Palavras-chave: discurso político; crise sanitária; retórica aristotélica; performance narrativa.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. <https://orcid.org/0000-0002-4553-2700> Email: bianca.brito.de.carvalho@letras.ufrj.br

RÉSUMÉ

Cet article vérifie la performance du discours politique du président Emmanuel Macron à travers la crise pandémique engendrée par le Coronavirus en 2020. Pour une telle approche, j'analyse, de manière flexible, le modèle narratif labovien (Labov et Waletzky, 1967, Labov, 1972), ainsi que l'épistémè de la performance narrative développée par Neal Norrick (2020) associée aux études sémiolinguistiques de Patrick Charaudeau (2008), ancrées dans le discours politique. Charaudeau, par le biais de la rhétorique aristotélicienne - pathos, ethos et logos - observe comment le politique constitue son identité devant son public visant le convaincre au nom d'un bien commun, d'une idéalité sociale. Dans le cas de ce travail, mon objectif est de rassembler ces théories pour détecter comment le président Macron en période de crise sanitaire, causée par Coronavirus, construit son image auprès de son public, afin de le captiver et le persuader quant aux mesures prises en temps de chaos.

Mots-clés: discours politique; crise sanitaire; rhétorique aristotélicienne; performance narrative.

1. Introdução

Em 7 de maio de 2017, a França conheceu o seu XX presidente, Emmanuel Macron, que aos 39 anos, assumiu esse posto, depois de ter vivenciado sua experiência como banqueiro e ministro da economia no governo anterior de François Hollande.

Com a fundação do partido social-liberal *En Marche*, em 6 de abril de 2016, Macron propôs uma imagem de um político jovial que traria exatamente esse espírito ao país, uma França moderna e forte com a promessa de considerar os franceses no centro da vida política.

No entanto, mesmo com essa promessa e esse espírito jovial de liderança, Macron, logo, nos primeiros anos de seu mandato, teve que lidar com manifestações contrárias ao seu governo: a primeira conhecida como o movimento do *Gilets Jaunes*², em português “Coletes- amarelos”, teve seu início em outubro de 2018 e reivindicava contra o alto valor do combustível, e outra foi uma greve geral³, começada em dezembro de 2019, contra as reformas previdenciárias propostas por Macron.

Além de todas essas crises internas supracitadas, no dia 24 de janeiro de 2020, a União Europeia confirmou o primeiro caso de contaminação do Coronavírus no continente, um vírus oriundo da China, sendo detectada a

² https://www.liberation.fr/france/2018/11/16/gilets-jaunes-le-mouvement-du-17-novembre-vu-par-les-services-de-enseignement_1692501/

³ <https://www.lemonde.fr/societe/live/2019/12/05/greve-du-5-decembre-suivez-en-direct-la-journee-de-mobilisation-contre-la-reforme-des-retraites>.

primeira vítima de contaminação na cidade de Bordeaux. Mais adiante, em 16 de março de 2020, mediante ao anúncio de 4500 casos de infectados por esse novo vírus⁴, o presidente Macron, por meio de um discurso oficial, declarou guerra ao Coronavírus e decretou um regime de confinamento compulsório (*lockdown*), como forma de proteger a sua população de possíveis contágios.

A partir do exposto, este trabalho propõe um estudo da performance política do presidente Emmanuel Macron, ao proferir seus discursos oficiais voltados para a crise sanitária provocada pela Covid-19.

Para isso, utilizarei o modelo narrativo laboviano (1972), associado aos estudos epistêmicos da performance narrativa (NORRICK, 2020), de forma a reforçar a imagem responsável e credível do presidente, passando, assim, para a compreensão do conceito de *ethos* desenvolvido por Patrick Charaudeau (2008).

2. Conhecimentos sobre o modelo narrativo laboviano

Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) são dois grandes nomes na pesquisa narrativa. Segundo os autores, a narrativa é definida como “um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de fatos que (infere-se) ocorreram de fato” (LABOV, 1972:539).

Para esses autores, a estrutura narrativa canônica possui seis componentes que serão melhor explicitados a seguir:

- *Resumo / Abstract*: é uma apresentação breve do tema a ser narrado, ou seja, é quando o narrador informa sobre o que é a história;
- *Orientação / Orientation*: é quando há uma contextualização da história, por meio de fornecimento de dados sobre quem? onde? quando?;
- *A ação complicadora / Complicating*: considerada por Labov (1972), como a parte mais importante da narrativa, consiste em informar sobre o que aconteceu. Para isso, é utilizada, na narrativa, uma série de enunciados utilizados no passado;
- *A resolução / Resolution*: é a estrutura que contempla as consequências da narrativa. Essa é a etapa de finalização dos eventos da narrativa;
- *A avaliação / Evaluation*: é o momento em que o narrador justifica a relevância de sua história. Segundo Labov (1972), há dois tipos de avaliação: externa e interna. Bastos (2005) as detalha bem ao nos dizer

⁴ https://ec.europa.eu/info/live-work-travel-eu/coronavirus-response/timeline-eu-action_fr e <https://www.lefigaro.fr/sciences/2020/03/14/01008-20200314LIVWWW00001-en-direct-coronavirus-le-point-en-france-et-dans-le-monde-samedi-14-mars.php>

que a primeira, no caso a avaliação externa é o momento em que o narrador suspende a narrativa para nos dizer qual é o seu ponto de vista, colocando sentimentos no evento narrado. A avaliação interna (encaixada), no entanto, o narrador recorre a recursos linguístico-discursivos, extralinguísticos e fonológicos, de maneira que não interrompa o fluxo narrativo e nele apareça seu posicionamento e sua carga emocional;

- A *coda*: seria a parte que indica o fim de uma narrativa. Ela é formada por orações livres, contendo um julgamento moral do narrador ou uma avaliação sobre os eventos narrados.

Após abordar a estrutura narrativa laboviana, sobretudo o aspecto avaliativo, pode-se dizer que, no processo de avaliação, o autor apresenta quatro instrumentos linguísticos que auxiliam o locutor para assinalar o interesse do que ele narra, sendo eles: intensificadores, comparadores, correlativos e explicativos.

- 1) Intensificadores: gestos, fonologia expressiva, repetições, quantificadores, itens lexicais;
- 2) Comparadores: dispositivos que sinalizam a comparação. São eles: imperativos, futuros, negativas, modais, perguntas, comparativos, superlativos;
- 3) Correlativos: aproximar dois fatos que ocorreram e se encontram reunidos em uma oração independente;
- 4) Explicativos: são orações subordinadas dotadas de explicações ou avaliações. Podem operar por meio de qualificações e de causais.

Embora a estrutura narrativa laboviana seja criticada por alguns autores devido ao fato de não considerarem, por exemplo, o contexto comunicacional, neste artigo utilizarei desses elementos aqui expostos para a análise do corpus a ser analisado. Por tratar do discurso político, verificarei como esses recursos linguísticos empregados à narrativa associados à performance, facilitariam a construção da imagem discursiva do presidente Emmanuel Macron.

Assim, abordarei detalhadamente a seguir um estudo da performance narrativa desenvolvido por Neal Norrick (2020), uma vez que ao transmitir uma informação, um narrador precisa se fazer credível perante o seu público, senão sua história não é considerada, ouvida, descartada por ele, perdendo, dessa forma, sua função, e no caso da política é a persuasão de acreditar na possibilidade de concretude daquele projeto que lhe é apresentado.

3. A epistêmica da performance narrativa no discurso político

Neal Norrick (2020) desenvolveu um estudo quanto à performance narrativa, como forma de compartilhamento de informações e saberes que favorecem a competência e a credibilidade do narrador.

De acordo com o autor, em um contexto interacional, normalmente, o narrador possui uma informação que o ouvinte não conhece e, ao contá-la garante a transmissão da mesma. Esse incremento de novos conhecimentos permite a capacidade de reportabilidade/ *reportability* (Labov,1972) e de contabilidade/ *tellability* (Sacks,1992). A reportabilidade está relacionada com a qualidade na narrativa, isto é, trata-se da maneira como o narrador chama a atenção dos ouvintes para a narrativa, mantendo-os informados claramente sobre o evento que lhes foi contado. A contabilidade diz respeito ao evento ser considerado importante para ser relatado em um certo contexto comunicativo.

Destarte, o narrador se submete a uma responsabilidade quanto à forma de que aquela informação será transmitida, garantindo, assim, que seu conteúdo provoque algum resultado interessante e/ou até uma avaliação da parte do destinatário. Tal situação é vista em discursos como: “você nunca acreditará no que aconteceu no trabalho hoje?”. Essa estratégia narrativa envolve o destinatário a querer saber sobre o que lhe será contado, esse tipo de abordagem prende a atenção desse ouvinte, o que não ocorreria se fossem apresentadas informações de que já lhe são conhecidas.

Cabe aos narradores, assegurar a aceitação por meio de um conhecimento de base, uma perspectiva pessoal e, avaliar comentários referentes à performance da conversação, momento em que a narrativa permite a exibição da identidade (Goffman, 1981; Schiffrin, 1996) por intermédio de posicionamentos (Bamberg, 2004), isto é, ao informar os ouvintes, os narradores não só precisam garantir a sua atenção como também, ao narrar, constroem as suas próprias identidades, pois esse é o momento em que eles se mostram e se revelam, quando se posicionam.

Outro aspecto a considerar são os revezamentos narrativos que, segundo Norrick (2020), trata-se de uma prática social que promove a memória coletiva ou memórias compartilhadas por uma comunidade reforçando sua identidade. No caso do político, ao discursar para o seu auditório, utiliza expressões linguísticas como: “Lembra da vez em que nosso país passou por este mesmo problema e nós soubemos sobreviver a ele...?”

Essa estratégia acima é uma ferramenta que o político utiliza para fomentar a memória coletiva, mostrando que a união e esse sentimento nacionalista é uma maneira de superação e de solução para o país. Dessa maneira, ele prende o seu auditório pelo aspecto sentimental que é atribuído por meio da lembrança, da memória coletiva.

No entanto, como já mencionado anteriormente, compete aos narradores transmitir confiabilidade em suas histórias. Para isso, segundo Fricker (2006), eles devem se responsabilizar pelo seu conteúdo e pelo ponto de história. Isso

está relacionado à maneira como os narradores constroem uma autoridade epistêmica e como utilizam certas estratégias para a narração dessas histórias. Dentro dessas estratégias, Sacks (1984) aponta que os narradores transmitem mais sua postura em relação com os seus personagens e mantêm o ponto da narrativa por meio de detalhes e comentários avaliativos. Ao contarem histórias do dia a dia, os narradores devem manter o interesse de seus ouvintes e, também, informá-los, bem como pode dobrar a credibilidade com a finalidade de captar o seu público, despertando uma espera e ânsia para ouvir uma boa história enquanto os ouvintes sinalizam confiança e/ou desenvolvem uma avaliação perante a performance narrativa.

Com base nos estudos de Sperber et al. (2010), observa-se que os ouvintes ao ouvirem as narrativas, procuram por sinais de que o narrador é confiável e credível e de que aquele conteúdo que lhe foi apresentado apoia-se em um conhecimento prévio, uma vez que um informante pode ser competente em um tópico, mas não em outros, e benevolente com um público em certas situações, mas não com outro público ou em outros contextos. Isso sugere que a confiança deve ser atribuída aos informantes, dependendo do tópico, do público e das circunstâncias.

Nesse caso, tanto a fonte quanto o conteúdo de uma mensagem são, portanto, âmbitos para julgamento de credibilidade. A fonte pode ser competente e benevolente ou desinteressada, ou seja, nada ter a ganhar com a aceitação da história pelo ouvinte. As razões para questionar a benevolência e a competência em contar histórias pessoais diferem daquelas voltadas para as experiências vicárias. Além disso, os narradores elaboram sua fala de maneira a exibir uma orientação e sensibilidade para os seus destinatários (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974, p. 727). Nesse sentido, desenvolve-se um design de narração que consiste em adaptar o conteúdo daquilo que é contado de acordo com o ouvinte que naquele contexto se encontra, isto é, a mensagem é construída considerando um ouvinte ideal, específico.

Os narradores, com esse objetivo de transmitir uma maior confiabilidade nos eventos que narram, recorrem à sua própria experiência, bem como apoiam, também, em uma experiência vicária, diversificando a sua maneira de narrar as suas histórias: dizendo que já ouviu essa história antes (“na época em que fui ministro, na época da escola”); alegando conhecimento especial dos eventos (“de acordo com as estatísticas, notícias locais”); clamando proximidade com os eventos (“aqui em meu gabinete”); atestando o contador original (“segundo meu assessor”) e demandando generalidade (“eu continuo acompanhando os avanços econômicos”). Dessa forma, pode-se dizer que esses detalhes voltados para as experiências pessoais - nomes, locais, datas - servem para solidificar a competência do narrador.

Nos discursos políticos do presidente Macron que abordarei, será tratada toda uma narrativa que parte desde o início do primeiro caso detectado do vírus,

aos dados expressos pela União Europeia, pelo Ministério da Saúde, bem como, toda uma construção discursiva que conta com a presença da equipe de saúde: enfermeiros, pacientes, médicos, personagens mais ligados ao problema. Esses elementos, como pretende-se analisar posteriormente, agiriam de maneira a reforçar a imagem desse presidente como aquele sujeito político que possui um conhecimento sobre a causa posta em questão, tal qual, como aquele sujeito que ao narrar sobre esse evento dispõe-se a adquirir não só a atenção do seu público como também sua credibilidade.

4. Ethos no discurso político sob a perspectiva de Patrick Charaudeau

O discurso político se caracteriza por uma dupla finalidade: convencer o maior número de pessoas sobre a relevância de seu projeto político e influenciar os cidadãos a aderirem aos valores que lhes são propostos. Para isso, o sujeito político constrói uma dupla identidade discursiva considerando tanto o conceito político, por meio do posicionamento ideológico adotado, bem como a prática política, implementando estratégias para a condução e manutenção do poder.

É por esse viés que o sujeito político tem como objetivo ser reconhecido por suas virtudes, despertando em seus interlocutores uma admiração e confiança, por intermédio de uma identificação relacionada à sua imagem, tornando-os adeptos aos seus ideais.

Conforme Charaudeau (2016), no discurso, o político, em geral, fala da esperança, de um futuro melhor. O sujeito político produz um discurso que segue duas lógicas: *uma simbólica*, que compreende os valores coletivos a serviço do bem comum legitimando assim a ação política, e uma *lógica pragmática*, que consiste em propor um modo de gestão do poder, e os meios que permitam realizar o bem-estar social, dando crédito ao projeto de idealidade social.

Em busca dessa confiança e, por consequência, da persuasão, encontra-se nos discursos políticos o uso de léxicos voltados para despertar as emoções. É por esse motivo que é de interesse o estudo da retórica aristotélica, retomada por Patrick Charaudeau (2008). De acordo com a retórica, há uma tríade aristotélica que facilita a persuasão, sendo ela formada pelo *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* seria a imagem atribuída ao locutor que tem por objetivo a persuasão de seu auditório e em consonância a este conceito tem-se o *logos*, voltado para as estratégias discursivas e o *pathos*, associado à afetividade, o que está no campo das emoções, primordialmente ancorado no auditório. Então, acredito que a formação da imagem discursiva do político é formada não somente pelo conhecimento que ele transmite ao informar ao seu auditório como, também, pela carga emocional que ele produz em seu discurso. Reforço essa explicação, com a apresentação do trecho a seguir:

Para o político é uma questão da estratégia a ser adotada na construção de sua imagem (*ethos*) para fins de credibilidade e de sedução, da dramatização do ato de tomar a palavra (*pathos*) para fins de persuasão, da escolha e da apresentação dos valores para fins de fundamento do projeto político. (CHARAUDEAU, 2008, p. 84)

Charaudeau (2008) diz que no espaço político circulam imaginários quanto ao comportamento que o político deve adotar, considerando a situação comunicacional que ele se encontra: campanha eleitoral, locução televisiva, debate, reunião etc., imaginários esses que ele adere para construir o seu *ethos*, visando, dessa forma, atender às expectativas do seu alocutário.

Ao construir a sua identidade discursiva, o sujeito discursivo tem como objetivo realizá-la, conforme já disse anteriormente, superando as expectativas do que seu público espera e, também, tornando-se digno de crédito. No caso do discurso político, a credibilidade é fundamental, pois para persuadir o seu público sobre aquilo que lhes diz, o sujeito político deve desenvolver em sua imagem *uma condição de sinceridade*, aquela que o obriga a dizer a verdade; *uma condição de performance*, que condiz com o anúncio de decisões e promessas; e *uma condição de eficácia*, que compete ao sujeito provar de que possui meios de cumprir com aquilo que ele promete, fornecendo resultados positivos. Desta forma, o sujeito político, para responder a essas condições, constrói o *ethos de sério, de virtuoso e de competente*.

O *ethos de sério* volta-se em transmitir uma imagem de um sujeito político que possui um autocontrole diante de adversidades e crises. No caso desta pesquisa, a minha proposta é verificar como, ao narrar os acontecimentos ocasionados pelo Coronavírus, o presidente Emmanuel Macron busca se posicionar como um político que detém autocontrole e sangue-frio. No caso do *ethos de virtude*, é quando o sujeito político se posiciona com a imagem daquele que é um exemplo, de quem passa uma honestidade pessoal, esse *ethos* está associado ao momento em que o político mostra transparência. Por fim, o *ethos de competência* é o instante em que os políticos mostram dotar-se de um conhecimento profundo e de uma habilidade para resolver os problemas que os assolam. Como exemplo de corpus, identificarei como o presidente se coloca diante dessa crise e como propõe as possíveis soluções para ela.

Junto ao que exponho, considero neste trabalho não só os critérios de construção da imagem do sujeito discursivo como também abordarei o uso dos léxicos voltados para as emoções, como forma estratégica que o político tem de ganhar uma maior adesão quanto ao seu projeto apresentado.

5. Crise do Coronavírus presente nas narrativas do presidente francês.

Como critério para seleção dos discursos oficiais, decidi analisar três momentos ocorridos no ano de 2020, o primeiro foi a declaração do confinamento em 16 de março de 2020, o segundo a prorrogação do confinamento em 13 de abril de 2020 e os votos de 31 de dezembro aos franceses, ainda com a presença do vírus. Esses discursos foram extraídos no site oficial do governo www.elysée.fr e deles verificarei somente alguns trechos considerando a estrutura narrativa laboviana e o estudo da performance narrativa como forma de destacar a credibilidade da figura política.

5.1 Discurso de 16 de março de 2020 - Início do confinamento

Em 16 de março de 2020, em um pronunciamento televisivo, o presidente Emmanuel Macron declara “guerra” ao Covid-19, reforçando as restrições como o não funcionamento de escolas, bares e restaurantes e comércios não essenciais, a fim de combater esse vírus pandêmico.

Trecho 1

Quinta-feira à noite, eu me direcionei a vocês para evocar [a crise sanitária que atravessa nosso país(1)]. (2) Até então, a epidemia que era, talvez, para alguns uma ideia longínqua, se tornou uma ideia imediata, urgente. O Governo tomou, como eu já vos tinha anunciado, medidas firmes para conter a propagação do vírus. As creches, as escolas, faculdades e universidades estão fechadas desde esse momento. Sábado à noite, os restaurantes, todos os comércios não essenciais à vida da Nação fecharam também suas portas. Reuniões com mais de cem pessoas foram proibidas. Nunca a França teve que tomar tais decisões - evidentemente excepcionais, evidentemente temporárias - em tempos de paz. Elas foram tomadas com ordem e cautela, baseando-se nas recomendações científicas com um único objetivo: nos proteger da propagação do vírus(4)

5

Inspirados pelo modelo narrativo laboviano, detectei que o resumo (1) é a crise sanitária que atravessa o país, seria o informe da presença do Coronavírus

⁵TRADUÇÃO NOSSA

Jeudi soir, je me suis adressé à vous pour évoquer [la crise sanitaire que traverse notre pays. Jusqu'alors, l'épidémie était peut-être pour certains une idée lointaine, elle est devenue une réalité immédiate, pressante. Le Gouvernement a pris, comme je vous l'avais annoncé, des dispositions fermes pour freiner la propagation du virus. Les crèches, les écoles, les collèges, les lycées, les universités sont fermés depuis ce jour. Samedi soir, les restaurants, tous les commerces non-essentiels à la vie de la Nation ont également clôt leurs portes. Les rassemblements de plus de 100 personnes ont été interdits. Jamais la France n'avait dû prendre de telles décisions - évidemment exceptionnelles, évidemment temporaires - en temps de Paix. Elles ont été prises avec ordre, préparation, sur la base de recommandations scientifiques avec un seul objectif : nous protéger face à la propagation du virus.

na França. Essa informação é orientada / contextualizada (2) por quinta-feira à noite, eu me direciono a vocês para informar sobre a crise sanitária presente aqui. Aqui, percebe-se o presidente (quem?) se direcionando (a quem?) no caso, os franceses para informá-los quanto à essa crise sanitária, diante de uma data (quinta-feira, 16 de março de 2020).

Como *ação complicadora* (3), identifica-se o momento em que o político declara que *a epidemia que até então parecia para alguns como algo distante, se aproximou exigindo medidas imediatas e urgentes*. Nesse trecho, há o uso dos tempos verbais que seriam equivalentes ao português imperfeito, como é o exemplo de *era* (était) e no pretérito perfeito se tornou (est devenue). O imperfeito, nessa situação, marca exatamente essa questão do distanciamento, algo indeterminado que é rompido com a chegada do vírus, passando a ser utilizado por um verbo mais pontuado, no caso, conjugado no pretérito perfeito. Aqui, também detecto uma escolha lexical que reforça o aspecto emergencial, sendo expressa pela polaridade *longínqua/ imediata e urgente*.

A *avaliação* (4) é vista quando o presidente se posiciona ao dizer as medidas que o Governo tomou, com a finalidade de frear a propagação do vírus. Para isso, houve a escolha de léxicos voltados para proibição, tais como: *fechadas* (fermées), *fechamento* (clôt) e *proibidos* (interdits). Percebo, também, o uso da negação para reforçar o quanto foi difícil para o governo tomar essa decisão, como foi no caso de *Nunca a França teve que tomar tais decisões* e justifica que a medida foi tomada com os cuidados recomendados pelos cientistas. A opinião sendo tomada, de acordo com o critério científico tem por objetivo mostrar para o auditório, que a postura daquele político é séria e competente.

Quanto à gesticulação e entonação de voz, nesse trecho, o presidente move um pouco suas mãos, mas de modo não muito rápido e/ou agressivo e usa uma fala articulada, com um ritmo moderado para acompanhar. Percebe-se uma leve pausa quando usa os termos *imediato* e *urgente*, assim como no momento em que narra sobre os fechamentos dos comércios e escolas, quando se direciona as decisões do governo com *cautela* e *ordem*, e quando explicita o único objetivo que é a proteção quanto à disseminação do vírus. Esses recursos servem para endossar, como já mencionei anteriormente, essa imagem de um político sóbrio e competente, que agirá em nome da proteção de uma nação.

Trecho 2

Mas acredite em mim, este **esforço** que eu vos peço, eu sei que é inédito mas as circunstâncias nos obrigam. **Nós estamos em guerra, uma guerra sanitária**, certamente: nós não estamos **lutando** nem contra um **exército** nem contra uma outra Nação. Mas o **inimigo** aqui se encontra, invisível, evasivo, progredindo. E isso requer nossa mobilização geral. **Nós estamos em**

guerra. Toda a ação do Governo e do Parlamento deve agora focar no combate contra a epidemia.⁶

Esse excerto é iniciado com a marca linguística dita pelo presidente: “Mas acredite em mim”, que chama atenção do auditório para uma crença, uma confiabilidade. Nesse caso, o auditório verifica vestígios que evidenciem essa credibilidade do narrador. Então, por essa lógica observa-se que, para reforçar o seu posicionamento, o presidente se serve de palavras de cunho bélico, tais como: esforço (effort), guerra (guerre), exército (armée), inimigo (ennemi). O uso desse léxico serve para apelar para o pathos, sentimento do povo em relação ao vírus e, dessa forma, aceitar as medidas que são devidas para aquele momento. Além da questão lexical, percebo também a repetição da expressão “Estamos em guerra”, tendo como função dar essa dramaticidade para a questão apresentada. Essa frase é dita como um eco, reproduzida várias vezes ao longo do discurso e é dita de maneira articulada e prolongada, sobretudo na palavra guerra, como uma forma de chamar atenção para o problema a ser enfrentado.

Trecho 3

(5) Eu peço a vocês para serem responsáveis todos juntos **e não ceder a nenhum pânico**, aceitem essas restrições, carregue-as, explique-as, de vocês aplicá-las a vocês mesmos, as aplicaremos todos, não há mais privilégios, mas aqui, **não cederemos ao pânico nem a desordem. Nós venceremos**, mas este período nos **terá muito ensinado**. Muitas certezas e convicções são varridas e postas em questão. Várias coisas que considerávamos impossíveis, estão acontecendo. **Não deixemos nos impressionar. Ajamos com força**, mas lembremos: no dia seguinte, quando **tivermos vencido**, não será como um retorno ao dia de antes. Seremos **mais fortes** moralmente, **nós teremos aprendido e saberei** como sair dessa situação junto com você, de todas as consequências. **Ergamo-nos** individualmente e coletivamente à altura do momento. Eu sei meus caros compatriotas que posso contar com vocês.⁷

⁶ TRADUÇÃO NOSSA

Mais croyez-moi, cet effort que je vous demande, je sais qu'il est inédit mais les circonstances nous y obligent. Nous sommes en guerre, en guerre sanitaire, certes : nous ne luttons ni contre une armée, ni contre une autre Nation. Mais l'ennemi est là, invisible, insaisissable, qui progresse. Et cela requiert notre mobilisation générale. Nous sommes en guerre. Toute l'action du Gouvernement et du Parlement doit être désormais tournée vers le combat contre l'épidémie.

⁷ TRADUÇÃO NOSSA

Je vous demande d'être responsables tous ensemble et de ne céder à aucune panique, d'accepter ces contraintes, de les porter, de les expliquer, de vous les appliquer à vous-mêmes, nous les appliquerons tous, il n'y aura pas de passe-droit, mais, là aussi, de ne céder ni à la panique, ni au désordre. Nous gagnerons, mais cette période nous aura beaucoup appris. Beaucoup de certitudes, de convictions sont balayées, seront remises en cause. Beaucoup de choses que nous pensions impossibles adviennent. Ne nous laissons pas impressionner. Agissons avec force mais retenons cela: le jour d'après, quand nous aurons gagné, ce ne sera pas un retour au jour d'avant. Nous serons plus forts moralement, nous aurons appris et je saurai aussi avec vous en tirer toutes les conséquences, toutes les conséquences. Hissons-nous individuellement et collectivement à la hauteur du moment. Je sais mes chers compatriotes pouvoir compter sur vous.

O presidente encerra o seu discurso pedindo para os franceses *serem responsáveis* (Je vous demande d'être responsables tous ensemble), aceitando as regras. Ele usa a negação acompanhada de palavras voltadas para os sentimentos do medo, tais como: *não ceder ao pânico nem a desordem* (de ne céder ni à la panique, ni au désordre), buscando a calma e a ordem da sociedade. Para estabelecer essa tranquilidade, ele projeta um vocabulário voltado para esperança, tais como: *venceremos* (nous gagnerons), *teremos muito aprendido* (nous aurons beaucoup appris), *seremos mais fortes* (nous serons plus forts moralement) e, *teremos vencido* (nous aurons gagné). Identificamos também o imperativo como uma forma de recuperar a moral do povo francês: *Não nos deixemos impressionar* (Ne nous laissons pas impressionner), *Ajamos com força* (Agiissons avec la force) e *Ergamo-nos* (Hissons-nous). Vemos também que, nesse trecho, os advérbios de intensidade *muito* (beaucoup) e *mais* (plus) como forma de reforçar a intencionalidade do presidente em mostrar que ao sairmos dessa crise, teremos aprendido mais e seremos mais fortes, formando assim a solução, a *resolução* para este momento, sendo a *coda* (5) narrativa. Nesse trecho, o presidente posta a sua voz de forma lenta, com pausas, mas com uma certeza firmeza, produzindo um efeito daquele que quer confortar o outro e que se compromete com a causa em questão, que se solidariza com o povo e busca a tranquilidade e o trabalho em equipe.

5.2 Discurso de 13 de abril de 2020 - Prorrogação da flexibilização

Em 13 de abril de 2020, o presidente Emmanuel Macron se pronunciou publicamente para prorrogar por mais quatro semanas a flexibilização, passando para a data de 11 de maio de 2020. Ele utilizou como argumento a proteção do povo francês e apresentou auxílio para determinados setores econômicos.

Trecho 4

Franceses, francesas. Meus caros compatriotas (2). Nós estamos vivendo dias difíceis(1). Todos nós sentimos agora medo, angústia por nossos pais, por nós mesmos diante desse vírus terrível, invisível e imprevisível. Fadiga e cansaço para alguns, luto e tristeza para outros. Este momento torna-se mais difícil ainda quando se convive com várias pessoas em um apartamento apertado, quando você não dispõe em sua casa de dispositivos necessários para aprender, se distrair e interagir. Ainda mais difícil de conviver quando as tensões existem, quando os riscos de violência doméstica que se acentuam cada

vez mais e nós vivemos todos, neste período, solidão e tristeza, principalmente, em relação aos nossos mais velhos.(3)⁸

Esse discurso tem como resumo (1) anunciar os dias difíceis encontrados naquele momento. E como orientação/contextualização (2), dizemos que se trata de um pronunciamento oficial televisivo, em que o presidente realizou para toda a nação francesa. Nele, ele pontua todas as dificuldades possíveis geradas pelo confinamento, sendo eles, o sentimento de medo e angústia pelo outro, pelos nossos pais e nossos próximos, assim como também o próprio ambiente domiciliar que possivelmente não possui os aparatos necessários para estudos, interação, trabalho nesse momento. Considera-se, então, esse momento da narrativa como a *ação complicadora* (3), melhor definindo, a angústia de estarmos vivendo uma pandemia e um confinamento. Esse sentimento de angústia é intensificado pelas pausas que o presidente realiza em sua fala quando se dirige às características do vírus como *terrível* e *invisível* e quando cita as palavras *luto* e *tristeza*.

Trecho 5

Então, nós estávamos preparados para essa crise (4)? Obviamente, **não o suficiente**, mas nós enfrentamos aqui na França como em qualquer outro lugar. Então, tivemos que lidar com a emergência, tomar decisões difíceis a partir de informações parciais, frequentemente em mudança, nos adaptar constantemente, pois esse vírus que era desconhecido, carrega até hoje muitos mistérios. O momento, sejamos honestos, revelou **falhas, deficiências**. Como todos os países do mundo, faltavam batas cirúrgicas, luvas, álcool em gel. Não fomos capazes de distribuir a quantidade de máscaras que queríamos dar para os cuidadores, para aqueles que assistem os idosos, para as enfermeiras e para os auxiliares domésticos.⁹

⁸ TRADUÇÃO NOSSA

Françaises, Français, Mes chers compatriotes(2), Nous sommes en train de vivre des jours difficiles. (1) Nous ressentons tous en ce moment la peur, l'angoisse pour nos parents, pour nous même face à ce virus redoutable, invisible, imprévisible. La fatigue et la lassitude pour certains, le deuil et le chagrin pour d'autres. Cette période est encore plus difficile à vivre lorsqu'on habite à plusieurs dans un appartement exigu, lorsqu'on ne dispose pas chez soi des moyens de communications nécessaires pour apprendre, se distraire, échanger. Encore plus difficile à vivre lorsque les tensions sont là, que les risques de violence dans la famille scandent le quotidien et nous mesurons tous, dans cette période, la solitude et la tristesse de nos aînés(3).

⁹ TRADUÇÃO NOSSA

Alors, étions-nous préparés à cette crise (4)? A l'évidence, pas assez mais nous avons fait face en France comme partout ailleurs. Nous avons donc dû parer à l'urgence, prendre des décisions difficiles à partir d'informations partielles, souvent changeantes, nous adapter sans cesse, car ce virus était inconnu et il porte encore aujourd'hui beaucoup de mystères. Le moment, soyons honnêtes, a révélé des failles, des insuffisances. Comme tous les pays du monde, nous avons manqué de blouses, de gants, de gels hydro alcooliques. Nous n'avons pas pu distribuer autant de masques que nous l'aurions voulu pour nos soignants, pour les personnels s'occupant de nos aînés, pour les infirmières et les aides à domicile.

Por meio da pergunta: *estávamos preparados para esta crise?* foi uma retórica realizada pelo presidente em um momento de *mea culpa*, em que se posiciona como não estar suficientemente pronto para enfrentar uma crise dessas. Nessa *avaliação* (4), ele apresenta palavras de cunho para fraqueza: *falhas* (failles), *insuficientes* (insuffisances) e *não suficientemente* (pas assez). Como justificativa, ele se dirige ao vírus como *desconhecido* e *misterioso* e se ancora na expressão: *como em todos os países do mundo*, para reforçar que esse despreparo não ocorreu somente na França como no mundo inteiro, não foi só na França que houve precariedade nos materiais para assessorar os profissionais de saúde e sim no mundo todo. Destarte, o presidente ao mostrar essa falha também se coloca como honesto, que possui fraquezas e reforça que isso ocorreu por ser algo além do previsto.

Trecho 6

(5)O momento em que vivemos é **um enfraquecimento íntimo e coletivo**. Saibamos vivê-lo como tal. Isso nos lembra que somos **vulneráveis**, questão que **possivelmente tenhamos esquecido**. Não busquemos encontrar, de imediato, **a confirmação em tudo que a gente acreditava**. Não. Saibamos, neste momento, **pensar “fora da caixa”, das ideologias, para nos reinventar** - e eu o primeiro. Há uma chance nesta crise: nos reunirmos novamente, para testar nossa humanidade, para construir um outro projeto em harmonia. Um projeto francês, uma razão profunda para vivermos juntos. Nas próximas semanas, com todos os componentes de nossa Nação, tentarei desenhar este caminho que se torna possível. Meus queridos compatriotas, nós teremos **dias melhores** e encontraremos **Dias Felizes**. Estou convicto disso. E as virtudes que hoje permitem nos sustentar, serão aquelas que nos ajudarão a construir o futuro, nossa solidariedade, nossa confiança e nossa vontade. Então, cuidem-se, tomem cuidado uns dos outros. Nós resistiremos (6).¹⁰

A *coda* (5) continua apresentando elementos de fraqueza, tais como: *enfraquecimento* (ébranlement), *vulneráveis* (vulnérables), que trazem a ideia de que o vírus nos enfraqueceu e as certezas de que tínhamos não existem mais e

¹⁰ TRADUÇÃO NOSSA

Le moment que nous vivons est un ébranlement intime et collectif. Sachons le vivre comme tel. Il nous rappelle que nous sommes vulnérables, nous l'avions sans doute oublié. Ne cherchons pas tout de suite à y trouver la confirmation de ce en quoi nous avons toujours cru. Non. Sachons, dans ce moment, sortir des sentiers battus, des idéologies, nous réinventer – et moi le premier. Il y a dans cette crise une chance: nous ressouder, éprouver notre humanité, bâtir un autre projet dans la concorde. Un projet français, une raison de vivre ensemble profonde. Dans les prochaines semaines, avec toutes les composantes de notre Nation, je tâcherai de dessiner ce chemin qui rend cela possible. Mes chers compatriotes, nous aurons des jours meilleurs et nous retrouverons les Jours Heureux. J'en ai la conviction. Et les vertus qui, aujourd'hui, nous permettent de tenir, seront celles qui nous aideront à bâtir l'avenir, notre solidarité, notre confiance, notre volonté. Alors prenez soin de vous, prenons soin les uns des autres. Nous tiendrons.

para endossar essa opinião, foram empregadas expressões de dúvida, como é o caso de *possivelmente tenhamos esquecido* (nous l'avions sans doute oublié). No final do discurso, percebe-se traços discursivos que fundamentam a competência do presidente quando diz que, *em algumas semanas desenharei este caminho possível* (Je tâcherai de dessiner ce chemin qui rend cela possible) e *de que está convicto disso* (J'en ai la conviction). Por intermédio dessas expressões, o presidente se coloca com uma segurança, uma confiança de novos dias, *melhores e felizes* (meilleurs / heureux). A conclusão apresenta uma *resolução* (6), com uma mensagem protetora para a população se cuidar e as pessoas cuidarem umas das outras e, também, com uma mensagem esperançosa, como é identificado em *nós resistiremos* (nous tiendrons). No final de seu discurso, o presidente usa um tom de voz doce, calmo, com o objetivo de despertar um sentimento de esperança.

5.3 Último discurso de 2020 - Votos de Feliz Ano-Novo aos franceses

O terceiro corpus é a alocução televisiva proferida por Emmanuel Macron para os franceses em 31 de dezembro de 2020. Nela, o presidente pontua todos os eventos ocorridos ao longo do ano, agradece as atitudes e colaboração dos cidadãos e termina com uma mensagem de esperança para o ano que está por vir.

Trecho 7

Francesas, francês. Meus queridos compatriotas do Hexágono, do além-mar e do estrangeiro(2). Esta noite, não estamos vivendo um 31 de dezembro como os outros.(1) Em nossas cidades e regiões, era habitual nesta época haver grandes reuniões e que estão, esse ano, proibidas devido a pandemia: os lugares do município estão fechados, os lares menos alegres do que o costume. O ano de 2020 termina como ele ocorreu: por meio de esforços e restrições. E eu tenho plena consciência das decisões que tive que tomar (4) e dos **sacrifícios** que vos pedi. (3) Eu estou sinceramente convencido de que fizemos boas escolhas nos momentos certos (4) e quero agradecer a vocês pelo civismo. Foi por este espírito de responsabilidade coletiva que salvamos tantas vidas e que nos permite enfrentar melhor do que nunca a epidemia (5).¹¹

¹¹ TRADUÇÃO NOSSA

Françaises, Français,

Mes chers compatriotes de l'hexagone, d'outre-mer et de l'étranger, Ce soir, nous ne vivons pas un 31 décembre comme les autres. Là où, dans nos villes et nos villages, l'heure est d'habitude aux grands rassemblements, ils sont cette année interdits par l'épidémie: les places de nos communes sont éteintes, nos foyers moins joyeux qu'à l'accoutumée. L'année 2020 s'achève donc comme elle s'est déroulée: par des efforts et des restrictions. Et j'ai pleinement conscience, par les décisions que j'ai eues à prendre, des sacrifices que je vous ai demandés. Je suis sincèrement convaincu que nous avons fait les bons choix aux bons moments et je veux vous remercier de votre civisme. De cet esprit de responsabilité collective par lequel nous avons sauvé tant de vies et qui nous permet aujourd'hui de tenir mieux que beaucoup face à l'épidémie.

Ao seguir com a estrutura narrativa laboviana, compreendo que o tema, melhor dizendo o *resumo* (1) a ser abordado nesse discurso é: “O 31 de dezembro de 2020 não será como os outros”. Como já foi dito anteriormente, essa foi a última mensagem televisiva de 2020 do presidente francês para os seus cidadãos, sendo essa a *orientação* (2). A *ação complicadora* (3) é detalhada ao longo do discurso, mas nesse excerto há exposto o motivo segundo o qual o réveillon de 2020 não será como dos anos anteriores, já que devido a um vírus as pessoas não devem se reunir como forma de proteção. O presidente recapitula o ocorrido ao longo do ano, ao dizer que o ano termina como se iniciou e para elucidar essa avaliação, ele apresenta vocabulários que ilustram a carga emocional que foi lidar com esse vírus, sendo eles: *menos alegres* (moins joyeux), *esforços* (efforts), *restrições* (restrictions) e *sacrifícios* (sacrifices). Outro recurso que observo nessa categoria avaliativa é o uso de intensificadores: *grande* (grand), *menos* (moins). Ao assistir o discurso, percebo que o presidente não gesticula muito, se posicionando de forma ereta e usa as palavras de forma calma e lenta. Esse tom mais brando junto a essa complicação da pandemia desde 2020, leva o presidente a garantir a seu interlocutor que é uma autoridade séria que tomou as decisões mais acertadas diante desse problema, tentando reforçar sua imagem, seu ethos de um presidente sério e competente (4). Mais adiante, o presidente, ao narrar, também apela para uma identidade e uma memória coletiva (5), ao mencionar que foi pelo espírito de responsabilidade (Dans cet esprit de responsabilité) e pelo civismo (civisme), o presidente agradece ao cidadão por esse sentimento coletivo, o colocando como um dos elementos que facilitaram a salvar tantas vidas, vidas dos franceses.

Trecho 8

(7) Então juntos, em harmonia, vejamos diante de nós, vejamos o **nosso futuro**, preparemos desde hoje, primavera de 2021, o **marco de uma nova manhã francesa, de um renascimento europeu**. Sejam este **povo unido, solidário, orgulhoso de sua história, de seus valores, de sua cultura**, depositando confiança **no futuro** e **no progresso**, seguros de seu talento e de sua energia e ambiciosos em si mesmos. Haja o que houver. Sejam orgulhosos. **Orgulhosos de sermos “nós”, os Franceses, a França**. Estes são meus queridos compatriotas, os meus votos de feliz Ano Novo a todos.(6)¹²

¹² TRADUÇÃO NOSSA

Alors ensemble, dans la concorde, regardons devant nous, regardons notre avenir, préparons dès aujourd'hui ce printemps 2021 qui sera le début d'un nouveau matin français, d'une renaissance européenne. Restons ce peuple uni, solidaire, fier de son histoire, de ses valeurs, de sa culture, confiant dans l'avenir et le progrès, sûr de son talent et de son énergie et ambitieux pour lui-même. Quoi qu'il arrive. Soyons fiers. Fiers d'être « nous », les Français, la France. Voilà mes chers compatriotes. Bonne année à tous.

Neste excerto, tem-se a *coda* (6), a conclusão dessa narrativa em que o presidente alude à esperança como *resolução* (7) para esse problema, e que os franceses não olhem para trás e sim para o futuro que está por vir. Para isso, o sujeito político utiliza vocabulário e metáforas que indicam esse futuro, sendo elas: *futuro* (avenir), *o início de uma nova manhã francesa* (le début d'un nouveau matin français), *progresso* (progrès), *renascimento europeu* (renaissance européenne). Aliada a essa esperança, o presidente apela para colaboração do povo francês referenciando novamente à identidade coletiva, com o uso de vocábulos e expressões: povo unido (peuple uni), valores (valeurs), *cultura* (culture), *história* (histoire), *solidário* (solidaire) e *orgulho* (fier), enaltecendo assim o espírito de ser francês como uma forma de salvação ao combate do Coronavírus.

6. Últimas Considerações

A partir das análises que realizei acima, depreendo que há certos elementos em comum nos discursos do presidente Emmanuel Macron. O presidente se dirige à população garantindo que a crise provocada pelo Coronavírus, foi uma situação que não somente surpreendeu a França, mas sim o mundo todo, uma vez que o contágio e transmissão ocorreram de maneira muito acelerada. Destarte, exigiu-se das autoridades medidas urgentes e imediatas, questão muito delicada, uma vez que, abalaria a sociedade não só economicamente, assim como o seu modo de vida.

Percebi também que Emmanuel Macron justifica suas medidas e decisões por meio de opiniões técnicas, considerando os conselhos dados pelos cientistas. Ele busca dessa forma, construir sua confiabilidade e credibilidade, ao dizer que suas ações são feitas em nome da proteção e do bem-estar do povo, acarretando, assim, em um ethos de um político virtuoso, que se preocupa com sua população e que leva isso com seriedade, formando o ethos de sério.

Por fim, identifiquei que na maioria das vezes, o presidente utiliza o discurso (inclusive o narrativo) para transmitir uma mensagem de esperança e positividade para o seu povo, agindo de maneira a tranquilizá-los e acalmá-los, por saber dos sentimentos presentes nesse momento: angústia, medo, agonia, tédio, dificuldade e preocupação. Dessa forma, ele mostra que conhece, que sabe a respeito do sentimento do outro e o tranquiliza, estabelecendo uma confiança com o seu público-alvo.

Referências bibliográficas

ADRESSE aux français, 16 mars 2020. **Elysée.fr**. 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/03/16/adresse-aux-francais-covid19>.

ADRESSE aux français, 13 avril 2020. **Elysée.fr**. 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/04/13/adresse-aux-francais-13-avril-2020>.

BAMBERG, M. *I know it may sound mean to say this, but we couldn't really care less anyway*. In: Form and Functions of 'Slut Bashing' in Male Identity Constructions in 15-Year-Olds. Human Development 47 (2004), pp. 331-353. <https://doi.org/10.1159/000081036>

BASTOS, L. C. *Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa*. In: Calidoscópio, vol.3 (2). São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

CHARAUDEAU, P. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Discurso Político*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

FRICKER, E. *Second-hand knowledge*. Philosophy and Phenomenological Research, 73 (3) (2006). <https://doi.org/10.1111/j.1933-1592.2006.tb00550.x>

GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Oxford: Blackwell, 1981.

LABOV, W. *The transformation of experience in narrative syntax*. In: LABOV, W. Language in the inner city. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
LABOV, W.; WALETZKY, J. *Narrative Analysis: oral versions of personal experience*. In: HELM, J. (Org.). Essays on the verbal and visual arts. Seattle: University of Washington Press, 1967

NORRICK, N.R. *The Epistemics of narrative performance in conversation*. In: Narrative Inquiry 30:2 (2020), pp.211-235. John Benjamins Publishing Company.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*. Oxford : Basil Blackwell, 1992.

_____. *On doing "being ordinary"*. In: ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1984.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. , & JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. Language, 50 (1974), pp.696–735.

SCHIFFRIN, D. *Narrative as Self Portrait: The Sociolinguistic Construction of Identity*. Language in society, 25 (1996), pp. 167-203. <https://doi.org/10.1017/S0047404500020601>



SPERBER, D., CLÉMENT, F., HEINTZ, C., MASCARO, O., MERCIER, H., ORIGGI, G., & WILSON, D. *Epistemic vigilance*. *Mind & Language* (2010), 25(4), pp.359–393. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0017.2010.01394.x>

VOEUX aux français.**Elysée.fr**. 31 abr. 2020. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/12/31/voeux-2021-aux-francais>.